

## IMAGENS DO BRASIL: (RE)CONHECIMENTO DA IDENTIDADE (E DA ALTERIDADE)

Ivia Alves\*

**RESUMO:** *Apesar de um nova forma de olhar o país e a identidade, existem ainda algumas situações cujo discurso fundador constrói imagens que irão perdurar, representando, ainda, o povo como um bronco, preguiçoso, amigo de festas e fora da ordem, e das leis.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Narrativa fundadora; imagens da construção do imaginário Brasil; imaginário ocidental.*

*É ainda Sérgio Buarque de Hollanda quem mostra o deslocamento do mito do Paraíso Terrestre para o universo atlântico, vindo dos confins da Ásia e da África e associado, neste novo habitat, a tradições célticas bastante antigas.*

*Laura de Mello e Souza<sup>1</sup>*

**A**s imagens sobre o Brasil (e das Américas), construídas pelo discurso do colonizador, atravessam e perduram em suas representações no imaginário brasileiro até os dias de hoje,

---

\* Universidade Federal da Bahia - UFBA/CNPq.

<sup>1</sup> Laura de Mello e Souza. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. Companhia das Letras: São Paulo, 1986. p. 27.

apesar de, cada vez mais, se confrontarem com outros sentidos e outras leituras.

Se levarmos em conta os vários textos, ou melhor, os contradiscursos produzidos pelos latino-americanos, perceberemos que a idéia da alteridade atravessa, pelo menos no século XX, grande quantidade de produções aqui realizadas.

Creemos que seu início se dá na História, nos anos de 1940, com as reflexões de Edmundo O'Gorman:

Não será difícil convir que o problema fundamental da história americana consiste em explicar satisfatoriamente o aparecimento da América no seio da Cultura ocidental, porque essa questão envolve a maneira de conceber o ser da América e o sentido que se há de atribuir à sua história. Pois, bem, todos sabemos que a resposta tradicional consiste na afirmação de que a América resultou do seu descobrimento, idéia que tem sido aceita como algo por si só evidente e constitui, nos dias de hoje, um dos dogmas da historiografia universal. Mas é possível realmente afirmar-se que a América foi descoberta sem que se incorra em um absurdo? (O'Gorman, 1992: 26)

A indagação do historiador será retomada pela ficção de várias maneiras, como está recolocada pelo argentino Leon Pomer:

Um sábio de barbas longas noticiou aos homens: vocês é que fazem sua própria história, esquecendo-se de acrescentar: são vocês também que a inventam.

Desde Cristóvão Colombo, que anunciou as propriedades mágicas do ouro (capaz de enviar as almas, até o paraíso), a América parecia ser um continente mágico. Os conquistadores além de fazer uma história, criaram outra, paralela e mais fascinante [...] (Pomer, 1980: 218)

Este ensaio compõe-se de quatro cenas que foram desveladas no momento atual, demonstrando que nem sempre o que é visto,



ouvido e interpretado ao longo do tempo pode permanecer entendido apenas com um único sentido.

Não pretendemos tirar uma conclusão, mas apenas re-visitamos situações, cenas, fatos que remetem nossa leitura para dois vetores: um discurso sobre a terra paradisíaca e outro, sobre uma tomada de "consciência" por parte dos intelectuais que se confrontam com o discurso e o imaginário colonizado.

Como estamos findando o ano das comemorações dos 500 anos do Brasil, seria interessante iniciar nossa reflexão pela *Carta* de Pero Vaz Caminha, considerada como nossa certidão de nascimento. Durante, pelo menos, um século e meio, a leitura (interpretação) da *Carta* se deu pelo olhar hegemônico do colonizador. Isto quer dizer que nosso olhar se conjugava com o do colonizador que, além de nomear todos os objetos, também iniciou o primeiro julgamento acerca do comportamento do aborígene. Como a ênfase era dada à terra, com suas águas claras e seus ares amenos, isto propiciou a representação de um lugar edênico, fato que não estava no horizonte de expectativas do rei de Portugal, que queria explorar a terra pelo ouro e prata que pudesse conseguir. Passados os dias necessários para observar os movimentos dos habitantes, constatar que não existia o que vinham buscar, depositada a pedra de fundação e tomada a posse das terras, Cabral e sua comitiva retomaram a viagem para as Índias, terra mais importante do que a achada, já que tinham certeza de trazer ouro, pedras preciosas e as famosas especiarias que inundaram a Europa, tornando o português o primeiro povo europeu a abrir um "mercado de consumo".

Nessa leitura da *Carta*, estão os fundamentos para a construção da nação e do nacionalismo, no século XIX, privilegiando-se mais a terra do que suas gentes, porque interessava construir esse nacional como uma terra edênica, que vulgarmente passou a ser traduzida no imaginário local pela frase "em se plantando, tudo dá".

A descrição das terras, em 1500, a qual pode ser lida como uma mensagem subliminar do escrivão para o rei, afirmava que

não havia nenhum indício de ouro, mas que a terra era boa para a agricultura, fato que não iria resolver os imediatos problemas econômicos de Portugal. Essa mensagem ambígua, no entanto, foi lida pelos primeiros portugueses e, posteriormente, pelos brasileiros como dando um significado de que o Brasil corresponderia a “uma versão do paraíso terreal”, como fica bem explícito na *História de Rocha Pita*, escrita no século XVIII (DaMatta, 1993:100). Assim Rocha Pita representa o Brasil:

Do Novo Mundo, tantos séculos escondido, e de tantos sábios caluniado, onde não chegaram Hanon com as suas navegações, Hércules Líbico com as suas colunas, nem Hércules Tebano com as suas empresas, é a melhor porção o Brasil: vastíssima Região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas, e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave bálsamo, e os seus mares o âmbar mais seletto: admirável País, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza, se desentranha nas férteis produções, que em opulência da Monarquia, e benefício do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido néctar, e dando as suas frutas sazoadas ambrosia, de que foram mentida sombra o licor, e vianda, que aos seus falsos Deuses atribuiu a culta Gentilidade.

Em nenhuma outra Região se mostra o Céu mais sereno, nem madrugada mais bela Aurora: o Sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as Estrelas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça Sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil Terreal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutaríssimo clima; influem benignos Astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes. [...] (Rocha Pita, 1968: 97).

Segundo o historiador norte-americano Keith Thomas, a representação portuguesa falava da natureza como um cenário fortemente visual, no qual os atrativos eram maiores do que as dificuldades. Nesse sentido, a natureza e suas gentes tinham sido feitas para o deleite, desfrute e exploração do colonizador e depois, tornou-se o discurso assumido pelo brasileiro. Essa concepção internalizou-se e vem sendo reiterada no imaginário do brasileiro a partir da construção da identidade nacional moderna (1800), sendo recorrente desde o romance *O Guarani*, de Alencar, passando pelo *Hino nacional*, pela *Canção do exílio*, sendo transportada para a MPB desde os anos 40 com a *Aquarela do Brasil*, – agora lembrada por um seriado da TV – e em músicas como: “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”, de Jorge Benjor.

É esse mesmo imaginário brasileiro que, nos anos 90, quando a mensagem de país do futuro entra em franca crise, vai criar a piada, sintomaticamente ideológica e conformista, ao discurso da descoberta, que perdura tanto na ênfase da riqueza da terra quanto na desqualificação exagerada do povo, atentando-se que esse tipo de piada é construído pelo próprio povo/povinho que se avalia pela leitura do outro. DaMatta a resgata dessa maneira: dizem que, quando Deus criou o mundo e fez o Brasil, ouviu uma série de reclamações. Habitantes de outros países disseram que Ele tinha sido injusto, criando uma terra rica, dotada de extraordinária beleza. Um país banhado pelo sol de um eterno verão, que ademais, não tinha terremotos, tufões, tempestades de neve e furacões, desertos e animais selvagens. “Isto não é justo”, disseram em coro para Deus, que, com divina indiferença, calou a inveja dos reclamantes, replicando: “É! Mas esperem o tipo de gatinha que Eu vou colocar lá...” (DaMatta, 1993: 97).

### *Segunda cena*

Na realidade, até os anos 90, líamos a *Carta de Caminha*, sem dar-nos conta de que ela trazia embutidos e projetados os va-

lores lusitanos sobre os nativos e sobre a terra achada. Líamos como povo independente sem perceber que o discurso o qual nos outorgava a identidade estava pronto, mas trazia as marcas da colonização.

É, também, por meio da *Carta* que tomamos conhecimento do autóctone, de sua compleição, de sua inocência e de seu comportamento imitativo, como aconteceu na primeira missa celebrada em solo Pindorama. Esta visão inaugural do contato, aparentemente, “harmonioso” de duas comunidades diversas, chama a atenção para trechos da carta que ficaram até agora esquecidos, velados ou sem sentido.

Essa reviravolta de interpretação começou no final da década de 1980, articulada às comemorações da descoberta da América, embora, já na década de 1960, o historiador mexicano O’Gorman, em seu livro *A invenção da América*, tenha chamado a atenção para as descrições fantasiosas da terra em vez de descrições do que estava à vista. Quase dez anos depois, o Brasil ignora todo o debate gerado em 1992 e se volta para um discurso oficial que reitera a leitura “ingênua” da carta. Nas comemorações da descoberta do Brasil (discurso oficial que se afinou com a mídia e a propaganda), teve que ser modificado para os “500 anos de Brasil”, em virtude das várias críticas recebidas, inclusive de dentro da academia. Mas a cena do encontro “harmonioso” não deixou de vir à tona em propagandas veiculadas pela mídia impressa, embora tenha sido ressignificada pelos estudiosos como o “encontrão de duas culturas”. Não seria mais possível tratar a cena a partir do olhar do colonizador, não seria mais cabível interpretar a aceitação dos portugueses pelos indígenas quando se flagra a resistência dos habitantes com relação aos portugueses.

O uruguaio Guillermo Giucci (*Revista Brasileira de História*, set.90/fev.91:45), em um belíssimo ensaio, traz à cena o “encontro ou encontrão dessas duas culturas”. Trata-se do trecho da *Carta* que relata a determinação de Cabral de infiltrar degredados na co-

munidade dos tupiniquins e a forma como os autóctones recebiam pela manhã estes portugueses e os forçavam a retornar aos navios ao escurecer. A mesma atitude se repete por dias. Se, no discurso colonizador, tal cena foi lida como um momento de integração entre as duas culturas, a atualidade, operando em outra chave, denuncia essa representação, passando para o sentido de resistência cultural. Retirava-se, assim, o olhar eurocêntrico e colonizador de que os povos da floresta estavam em um estágio cultural abaixo, hierarquicamente, mais animal, mais instintivo, isto é, primitivo.

Apesar da consciência da alteridade já não ser um fenômeno desconhecido nos anos quinhentos, a valorização positiva da diferença cultural só veio a emergir na contemporaneidade. Se o discurso oficial nas comemorações ainda preferiu reiterar o discurso colonizador, foram bastante estarrecedoras as cenas vistas na televisão, no dia da grande festa, quando um índio, (convidado para a “festa”), na chuva, anda ajoelhado pelo asfalto a fim de impedir um confronto entre soldados armados imbuídos de seu poder e com seus instrumentos de guerra apontados contra brasileiros desfavorecidos que se achavam também integrantes da grande comemoração, mas foram excluídos.

Será que o discurso do colonizador não permaneceu o mesmo nessas manifestações, aqui, rememoradas? Será que o discurso, apesar das novas leituras, não conseguiu modificar o tratamento dos diferentes? Não aqueles que perderam suas terras, mas, agora, aqueles sem terras?

### *Terceira cena*

Esta situação refere-se à posição de um crítico e divulgador da literatura e cultura inglesas no Brasil, durante mais de vinte anos. Eugenio Gomes foi um crítico literário de reconhecimento nacional, que atuou da década de 1920 à de 1960 daquele século, em jornais do Rio de Janeiro, quando essa cidade era ainda a capital do país. Apaixonado, desde 1930, pelos escritos de Shakespeare

e de Machado de Assis, ele não consegue, por muito tempo, se desvencilhar da “fonte” e da “cópia”. No entanto, também não aceita decidir-se pela idéia de que a fonte é superior à cópia, deslocando seus estudos, num vislumbre de consciência crítica, para o conceito do ‘novo’ que trazia o texto de Machado ao ler a literatura ocidental.

Mas entre os estudos de influências e o grande salto dos anos de 1960, o comparatista e divulgador da literatura inglesa fez dois movimentos: o primeiro, foi o de comparar o Brasil com relação à Inglaterra de forma desqualificadora, sem perceber que se tinha tornado um divulgador do poder do império britânico. O segundo movimento, quase no final de sua carreira, foi o de aderir e assumir a posição de um intelectual brasileiro e compreender que as teorias não davam conta do que se escrevia na periferia. Também, não podemos desprezar que o seu ideal britânico foi posto à prova com as suas viagens à Inglaterra. É a partir desse momento que o crítico faz o movimento de volta e passa a olhar para seu país. Seus textos deixam de lado a comparação, não mais aparece o discurso desqualificador e podemos até perceber que os títulos de seus livros vão deslocando o olhar do escritor estrangeiro para o modo pelo qual este estrangeiro lê e vê o Brasil. Lendo semanticamente seus textos, podemos construir um significado que mostra os movimentos inversos, pois, se o primeiro intitula-se *Influências inglesas em Machado de Assis*, já em princípios de 1960, outro livro esmaece a idéia de imitação e cópia, com o título de *Shakespeare no Brasil* e, finalmente, quase a terminar a década, o autor escreve *A neve e o girassol* (1967). No movimento para dentro do Brasil, Gomes vai-se deter sobre escritores ingleses que tomaram, como motivo para a sua literatura, os povos da África e das Américas.

Como é sabido, o girassol se volta para o sol: assim, Eugênio Gomes buscou o sentido de que esses estrangeiros (a neve) buscavam seus motivos e temas em países tropicais. No entanto, o crítico teve nova decepção. Desolado, constata a deformação ou distorção que ali assumem os povos colonizados.

lendo *A neve e o girassol* como uma narrativa, ou melhor, de que lugar está falando o seu autor, detectamos que sua mensagem se diferencia dos primeiros livros. Aqui, o intelectual assume seu lugar na periferia e começa a mostrar que sua grande paixão, Shakespeare, não via com confiança o indivíduo, o selvagem, o Caliban das Américas. Sintomaticamente, escreve, pela primeira vez, sobre a peça de Shakespeare, *A tempestade*. Partindo da hipótese de um diálogo entre Montaigne e Shakespeare, *A tempestade* corresponderia a uma resposta às qualidades do índio apontadas pelo francês. Para o autor de *Macbeth*, nem a educação nem o desvelo de Próspero mudarão a natureza de Caliban – diga-se de passagem que esse nome é um anagrama de canibal –, representado na peça como um espírito indomável das florestas. Para demonstrar a sua hipótese, Gomes assinala, ainda, as frases de Miranda, filha de Próspero, criada fora da Europa, que, ao ver os novos hóspedes da ilha, provenientes daquele continente, profere ser o novo mundo a Europa, lugar bom para se viver.

No livro, o crítico ainda se detém em examinar passagens nas obras de Donne, Swift, Dickens, Shaw, concluindo os motivos suscitados pelos trópicos com dois livros do moderno Evelyn Waugh. Esta associação de idéias fecha-se com o comentário do livro *Maldícia Negra (Black Witchiel)* do qual Gomes prefere resumir a interpretá-lo, mas sem deixar uma pitada de humor malicioso quando trata do personagem chamado Brasil, acrescentando ser o personagem “boêmio, cabotino, empulhador, à cata de aventuras em alta escala, começando por furtar as jóias da própria mãe”. Deixemos o próprio autor comentar:

Essa narrativa muito atual pelas transformações radicais por que vem passando a África, mostra o lado ridículo da adaptação automática de sistemas políticos e utilidades do progresso ocidental a povos ainda não preparados para usufruir as suas vantagens convenientemente. (Gomes, 1967:109)

Não deixa Eugenio Gomes de ter seus preconceitos e suas hierarquias. No entanto, percebemos que seu olhar já perdeu a rigidez de transformar o mundo em uma única cultura e em um único sistema. Mas a sutileza de seu humor aparece linhas mais abaixo, quando evidencia sua inclinação pela comunidade africana que irá acolher Brasil, o qual deverá ter a mesma finalidade de uma hóspede anterior. Virar comida para os habitantes.

Devemos agradecer a Evelyn Waugh o ter livrado o Brasil desse xará, levando-o por fim a empregar suas táticas suspeitas de aprendiz de política no báratro africano, onde, por sinal, a um ligeiro descuido com antropófagos, foi servido da carne de uma bela dama inglesa sem saber de que animal era o “bife” senão mais tarde. (Gomes, 1967: 109).

Discursos como esses começam a aparecer, continuamente, a partir do meado do século. Seria um vislumbre de “consciência” de que pertenceríamos a uma cultura diferente?

#### *Quarta e última cena<sup>2</sup>*

Para finalizar, retomamos a forma como a imagem e o discurso do colonizador atravessam e perduram no imaginário do estrangeiro. Na mesma época em que Eugenio Gomes tentava se ver dentro de uma outra organização cultural, a intensa campanha de artigos, que levaria *Gabriela, cravo e canela* ao topo dos mais vendidos na tradução para os Estados Unidos da América, retinha o discurso colonial e o passava para a Ilhéus de Jorge Amado.

A editora da tradução de *Gabriela, cravo e canela* tinha programado, antes mesmo de sair o livro, que ele seria um *bestseller*.

---

<sup>2</sup> Parte deste estudo foi apresentado no Simpósio Internacional Brasil 500 anos: caminhos da História, síntese de culturas, Maceió, 2000, sob o título “Imagens do Paraíso: os olhos da crítica estrangeira sobre a produção de Jorge Amado”.

Para isso, os resenhistas norte-americanos se empenharam em transformar o texto político, cujo elo com a disputa de poder é a história amorosa de Gabriela e Nacib, em uma narrativa palatável, exótica e proveniente dos longínquos mares do sul, abaixo do Equador.

Traremos à cena um recorte dessa recepção, quando tentaremos demonstrar como houve uma aproximação entre a “imagem edênica” do Brasil e o tema tratado por Amado. As resenhas trazem embutidas clichês, preconceitos e hierarquias no modo de olhar a periferia, entrando em jogo os juízos sobre a cultura e sobre os estereótipos acerca do Brasil. Em outras palavras, a apresentação do romance de Jorge Amado nos EUA passa por deformações que já estão na construção da imagem do Brasil, veiculada naquela sociedade.

Apenas para lembrar a moldura dessa construção, como explicita teoricamente Said, em seu livro *Cultura e imperialismo*, o desconhecimento das terras colonizadas ou neo-subordinadas aos impérios (seja os países colonizadores, seja os Estados Unidos da América) passa por uma construção ideológica distorcida, engendrada.

No caso do Brasil, seu desconhecimento, nos EUA, era, na década de 1960, ainda muito grande. Apenas corria no imaginário do outro uma imagem que se resumiria, ainda aos filmes de Carmen Miranda (década de 1940), a uma terra ‘caliente’, região paradisíaca, povoada por mulheres sexualmente bonitas, mas constituído de um povo bronco e preguiçoso. Aliam-se, a essa imagem, as paisagens de cartões-postais tais como o Pão de Açúcar, os passeios ondulados da praia de Copacabana, sempre repletos de mulheres seminuas e em festa. Essa imagem fascinante para o ocidente trabalhador, mistura de erotismo e exotismo, engendrava o paraíso na terra, associada, ainda, a imagens de um país de degredados (sem leis e sem reis), de ladrões e assassinos que, originários dos países centrais e ricos, desapareciam e se misturavam com a

população, impedindo que a mão da lei e da ordem conseguisse chegar até eles.

Embora essa imagem de paraíso terreal estivesse sendo abalada, notadamente entre 1960 e 1964, pelas notícias confusas que ressoavam nos jornais norte-americanos, com a atuação das ligas camponesas e as manifestações estudantis, como também pelas atitudes assumidas pelo seu então presidente Goulart, olhado com desconfiança por seu interesse pela ideologia socialista, em um momento de extrema tensão da guerra fria, as duas imagens (da cultura e do povo) confluem nas resenhas do livro *Gabriela*.

Previamente ao lançamento, *Gabriela* já vinha tendo, pelos seus editores, fincados na indústria cultural, um tratamento de *best seller*. Por meio dele é que o livro irá deter, por quase dois meses, a posição de 15º e 14º lugares entre os mais vendidos. As resenhas saíram durante o período de lançamento, por meio de quatorze jornais importantes, tais como *Chicago Tribune*, *Saturday Review*, *Houston Post*, *The Atlantic*, *Los Angeles Times* e os maiores: *New York Times*, *The New York Times Book Review* e a revista *Time*.<sup>3</sup>

Procurando seguir uma linha de coerência, preferimos destacar das resenhas os dois aspectos a que referimos acima: a imagem do Brasil e a composição da personagem Gabriela.



O *The New York Times Book Review* estampa, na sua primeira página, uma resenha de Juan de Onis, que repercutirá posteriormente em vários outros textos críticos, inclusive de terras latino-americanas.

É preciso deter-me um pouco na exploração da falta de sintonia entre a ilustração publicada no centro da página repre-

<sup>3</sup> Todos os textos de artigos e resenhas se encontram no Centro de Documentação da Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador - Bahia.

sentando Gabriela, o comentário inicial de Juan de Onís sobre o momento brasileiro e a matéria de divulgação do livro.

A ilustração traz a figura de uma *negra*, em trajes típicos caribenhos, querendo traduzir a imagem de uma baiana, como conhecemos pelas pinturas do século XIX. A resenha, em si, mistura tempos e exotismos.

Onís abre seu comentário aproximando o modo de vida, as regras sociais, a política de Ilhéus de 1925 como ilustrativos dos acontecimentos atuais que repercutem nos jornais do ano de 1962. Tomada esta aproximação como verdadeira, enfatiza o crítico ser a publicação de *Gabriela* “um importante acontecimento por ser um impressionante retrato da realidade brasileira que pode servir de ponto para a compreensão de duas áreas – cultural e psicologicamente – distintas do Novo Mundo”. Não satisfeito com essa confusão entre passado e presente, sua leitura sobre o livro apresenta a caótica e disforme periferia:

(GCC) é uma crônica de uma cidade do interior. A cidade é Ilhéus, no nordeste brasileiro, centro da cultura do cacau na Bahia, nos séculos dezenove e vinte. Porém Ilhéus é também o Brasil, um microcosmo desta imensa e turbulenta terra de diversas raças, culturas e tradições as quais estão ainda envolvidas pela sociedade agrária patriarcal caminhando para ser uma nação moderna, integrada e urbana.

Revoltas camponesas, comunismo crioulo, fusão de raças, intriga política, religião híbrida/indefinida, sexualidade tropical, violência sem lei – estão todos no presente imediato do povo de Ilhéus. As tensões dinâmicas psicológicas e contraditórias do Brasil são a carne e o sustentáculo da narrativa de Amado, porém seu tema é em última instância, o triunfo da acomodação, a tolerância social sobre a violência, a vida sobre a morte (*The town's story is the lands'*. 16-9-1962).

Mas, a chave para fazer do romance um *best seller* e impulsionar sua venda está na história de amor, no tratamento dado à

composição da mestiça Gabriela. O comportamento da personagem não pode ser compreendido pelos padrões culturais e civilizados da cultura norte-americana, e sua sensualidade e livre escolha entre continuar casada (dentro das leis) ou retornar a ser a amante de Nacib (permanecer fora das leis burguesas) levam o articulista a comentar:

*Gabriela é a jovem mulata, com coxas (thighs) de cravo e um perfume de canela em seus cabelos – inocente embora conhecedora, voraz e tentadora – que chega a Ilhéus com uma leva de trabalhadores imigrantes que saem das terras da seca e se torna a senhora da cozinha e do coração de Nacib, um sírio de nascimento um brasileiro das Arábias, o gordo e cômico proprietário do bar Vesúvio. Porém antes de Gabriela tornar-se esposa, ela já tinha encantado metade da cidade, compelindo a banir para sempre a lei não escrita. (grifo nosso)*

Mas, se essa resenha indica o olhar hierarquizado de quem fala a partir de um lugar de poder – ordenador e civilizado –, para outra terra não civilizada, instintiva, com pés na terra, a resenha de Orville Prescott, outro crítico americano, aprofunda mais a diferença. O seu texto, publicado no *The New York Times*, três meses depois do lançamento, portanto alimentando o *best seller*, inicia-se com a chave de que o romance é uma grande e indelével história de amor, semelhante às histórias inesquecíveis de Tristão e Isolda, Lancelot e Guinevere, Armando e a Dama das Camélias. Inserindo *Gabriela* entre os contos (*tales*) e o romance popular (folhetim) de Dumas, não se pode ter certeza de que tal indicação aguçará o interesse do leitor comum, ou se já sublinha um tratamento desqualificador. No entanto, quatro parágrafos adiante, o articulista informa não ser *Gabriela* uma narrativa nem dramática nem solene, para concluir que sua “atmosfera é contagiante, erótica, violenta e cheia de cores pomposas e situações estranhas”, carregando a narrativa para a imagem estereotipada de uma comunidade pri-

mitiva, diferente, incompreensível, marginal ao civilizado. Não contente com tantas “qualificações” desconcertantes e paradoxais, ao tentar descrever a personagem Gabriela, confunde realidade e ficção. O trecho abaixo serve de ilustração:

[...] é possível que a heroína cor de canela do sr. Amado venha a se tornar tão famosa como outras encantadoras latinas tais como Gina Lollobrigida e Sophia Loren. (“Books of The Times”. *Times*. New York. 12-9-62)

Esquecendo-se de que Lollobrigida e Loren eram pessoas de carne e osso, atrizes de cinema, elas são arroladas e misturadas no mesmo patamar da construção ficcional de Gabriela. Também se percebe que o “latino” para o crítico é um conjunto, um todo muito igual, seja italiano, hispano-americano ou brasileiro.

Outra passagem, do mesmo artigo, que consideramos ainda mais paradoxal, pois apresenta-se comprometida com a imagem do povo dos países periféricos e o imaginário do colonizador, está na análise da personagem Gabriela:

era alegre, comunicativa e infantil, mas tão atraente que todos em Ilhéus a desejavam. Era arrebatadoramente bonita. Seu corpo cheirava cravo. E seus pratos! Tudo isto é muito bem escrito.

Mas Gabriela, a magnífica amante, é uma péssima esposa. Não gostava de sapatos. Nem de vestidos elegantes ou boas maneiras ou respeitabilidade. *Promíscua, impulsiva, um tanto retardada mental*, Gabriela é uma dessas crianças decantadas por tantos escritores. Ela quase pôs Nacib maluco. (italico nosso) (“Books of The Times”. *Times*. New York. 12-9-62)

Não é na nossa proposta descer a comentários detalhados, mas apenas pontuar que a idéia de bronco está bem clara quando se trata do retardamento mental de Gabriela, bem como a falta de

regras da população. Esta fica explícita na rejeição da personagem em assumir a roupa e os sapatos elegantes que a transformariam em uma Gabriela burguesa, em uma “mulher civilizada”. Seria a profecia de Shakespeare. Seríamos vistos como Calibans para o resto da vida?



E o que dizer da resenha do crítico alemão que procura visualizar Gabriela como centro da trama, deixando de lado a discussão política e as negociações entre o velho coronelismo (que mandava na cidade de Ilhéus) e a nova corrente progressista, comandada por Mundinho Falcão, que pretendia romper com a estrutura já superada? Gabriela salta de uma trama romanesca para se tornar o centro da proposta do romance de Jorge Amado, principalmente, porque ela chama atenção do resenhista pela sua forma de viver, de rejeitar os códigos sociais impostos pela burguesia, inclusive, preferindo, radicalmente, voltar ao que tinha sido antes – povo. Segundo o resenhista alemão, o espaço maior da narrativa será ocupado por Gabriela (observe-se que para ele não há nuances entre uma negra ou uma mulata dentro do seu imaginário) quando coloca, em sua resenha, a foto acima. Analisando a trajetória da personagem, seu compromisso moral e ético fica explicitado:

Este assassinato, simbólico para os conceitos de moral em vigor, paira como uma fatalidade obscura sobre o destino de Gabriela.

A jovem e bela mulata chega em Ilhéus justo no dia do assassinato. Ela se torna a cozinheira e amante do dono do bar – Nacib – atraindo, como um imã os clientes. Os fazendeiros se desdobram para ganhar a moça cheirosa como cravo e de cor de canela, como repariga ou cozinheira, e Nacib temendo perdê-la casa-se com ela.

Com este passo, Gabriela abandona a sua vida descompromissada, pois já que se torna um membro da sociedade, Nacib quer fazer dela uma dama. No entanto, a sua natureza simples e infantil não foi feita para isso. Ela se rebela contra isso e trai o marido. Nacib reconhece tarde demais que “uma flor que cheira não deve ser posta num jarro, mesmo que seja de prata”. Ele expulsa Gabriela de casa e pede a anulação do casamento. Ele não se vinga com uma arma como Mendonça. Amado confronta, conscientemente, este final com o começo do drama. Ele quer sugerir com isso o desenvolvimento de um sentimento superior de moral.(Wafner, 1963)<sup>4</sup>

Um mergulho nos discursos desses críticos leva-nos a determinadas reflexões. Os críticos americanos “atrapalham-se” entre a vida e a ficção, porque estão imbuídos de um imaginário sobre o Brasil, que alimentaria o imaginário norte-americano para inventar e consumir um livro de uma zona periférica, exótica, reafirmando a imagem da desordem e do caos, na qual não devem se deixar levar. Interessante, enquanto não fizer parte do seu mundo civilizado, propiciando um distanciamento exagerado entre o centro e a periferia.<sup>5</sup> Já o crítico alemão, levando mais a sério a análise, também não consegue alcançar a proposta “híbrida” de Jorge Amado. Basta observar a imagem do povo do país, que ele concretiza pela escolha da foto.

Em ambos os casos, seria apenas falta de conhecimento das diferenças culturais? Ou seria uma questão mais sutil e mais hierarquizadora? Isto é, os críticos não podem aceitar que um escritor periférico crie esteticamente seu texto, sem ser uma repre-

---

<sup>4</sup> WAFNER, Kurt. Blumen in silbernen Vasen (Flores em jarros de prata). *Für Dich*, Berlim, 4/1/63, p. 4 (Tradução do original por Denise Chaves de Menezes Scheyerl)

<sup>5</sup> O estudo da tradução norte-americana do romance, que está sendo realizada por Lícia Pedreira (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA) tem demonstrado que há grandes distorções no sentido da narrativa, além de omissões de passagens e de imagens.

sentação mimética? Seria possível que eles, imbuídos da ideologia do primitivo, pensassem que a narrativa teria necessariamente que ser um “documento” da realidade? Ou será que o discurso sobre os povos periféricos leva a leituras completamente distorcidas, como escreve Said? Quando o centro lê e constrói a imagem do Outro, este e a sua cultura vão ser interpretadas sempre como impuros e caóticos e suas sociedades sem lei e sem ordem.

Felizmente, no momento atual, começa-se a discutir, com mais profundidade, a alteridade. Estão à mão os instrumentos teóricos e metodológicos, produzidos por intelectuais de países periféricos como o nosso, para que o brasileiro de cada tribo/comunidade/segmento possa se ler e construir sua identidade, rejeitando a leitura e o imaginário homogeneizador que provêm do discurso eurocêntrico.

**ABSTRACT:** *This essay presents some situations in which the “narrative founding discourse” builds lasting images, although it still depicts the people as stupid, lazy, fond of parties and marginal to order, progress and law. Nevertheless it shows a new way of looking at the country and and at cultural identity.*

**KEYWORDS:** *Narrative founding discourse; brazilian imagery and brazilian imaginary; occidental imaginary about Brazil.*

## Bibliografia

- ALVES, I. (2000) *Imagens do paraíso: os olhos da crítica estrangeira sobre a produção ficcional de Jorge Amado*. Ensaio apresentado em Congresso, Maceió. (Não publicado).
- DAMATTA, R. (1993) *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DWYER, J. (1982) “Carnaval e narrativa paralela em *Tenda dos milagres*”. In: *Jorge Amado: ensaios sobre o escritor*. Salvador: UFBA.

- GIUCCI, G. "A visão inaugural do Brasil: a Terra de Vera Cruz". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 11, n. 21, p. 45-64, set.90/fev.91.
- GOMES, E. (1967) *A neve e o girassol*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura.
- HULET, C. (1962) "Gabriela blows her horn". In: *Los Angeles Time*. Los Angeles, 28.out.
- O'GORMAN, E. (1992) *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. (Ana M<sup>a</sup>. Martinez Correa & Manoel Lelo Belloto). São Paulo: Unesp.
- Omnamorata Nacib's (1962) *Time*. New York, 12.oct.
- ONIS, J. de (1962) "The town's story is the lands". In: *The New York Times Book Review*. New York, 16.set.
- POMER, L. (1980) *América histórias, delírios e outras magias*. (J. Roberto da Silva Jr.). São Paulo: Brasiliense.
- PORTELLA, E. (1982) "O infatigável sonho da liberdade". In: *Jorge Amado: ensaios sobre o escritor*. Salvador: UFBA.
- \_\_\_\_\_. (1979) "Jorge Amado: a descontração poética no País do carnaval". In: *Seminário sobre o romance brasileiro contemporâneo*. Universidade de Brasília.
- PRESCOTT, O. (1962) "Books of The Times". In: *Times*. New York, 12.set.
- ROCHA PITA, S. "História da América Portuguesa". In: CASTELLO, J. A.; CANDIDO, A. (1968) *Presença da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- RONCARI, L. (1995) *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp.
- SAID, E. (1995) *Cultura e imperialismo*. (Denise Bottman). São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1990) *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. (Tomás Rosa Bueno). São Paulo: Companhia das Letras.
- SOUZA, L. de M. e (1986) *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. Companhia das Letras: São Paulo.
- THOMAS, K. (1988) *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WAFNER, K. (1963) "Blumen in silbernen Vasen". In: *Für Dich*. Berlim, 4.jan., p. 4.